

**Notas do encontro dos responsáveis de Comunhão e Libertação
com Davide Prospero e Francesco Cassese
sobre a carta do Papa Francisco a todo o Movimento**
Milão e por videoconferência da Itália e do mundo, 20 de fevereiro de 2024

Francesco Cassese. Hoje estamos reunidos – os membros da Diaconia da Lombardia presencialmente, e os responsáveis do Movimento na Itália e no mundo todo por videoconferência – para entender melhor o significado e o conteúdo da carta que o Papa Francisco enviou ao Davide e a todo o Movimento no último dia 30 de janeiro.

Consideramos que era importante organizar este encontro por duas razões principais: em primeiro lugar, pela importância e pelo valor que essa carta tem para a nossa história e, precisamente por isso, queremos evitar correr o risco de subestimá-la; em segundo lugar, para tentar abordar em conjunto as muitas questões que surgiram depois da reação positiva que todos sentimos quando a recebemos e lemos.

Pedimos ao Davide que nos ajudasse a analisar essa carta em conjunto. Depois, será da responsabilidade de cada um de nós comunicar às nossas comunidades o que surgir.

Ao prepararmos o trabalho desta noite, partimos de um diálogo entre responsáveis que se deu na semana passada, das muitas contribuições e perguntas que nos chegaram e pelas quais lhes agradecemos. Este é o primeiro sinal da responsabilidade que sentimos em comum. Eu sou o porta-voz desse diálogo.

Faço questão de dizer que essa carta concerne a todos nós, ninguém deve sentir-se excluído porque, por um lado, como diz São Paulo, somos membros uns dos outros, por outro lado, acreditamos e estamos convencidos de que nela há um convite a um passo de consciência para todo o Movimento. Como sabem, essa carta tem origem na audiência que o Davide, junto com Dom Filippo, teve com o Santo Padre no último dia 15 de janeiro. Por isso, começo por lhe pedir se pode contar-nos alguma coisa sobre esse encontro.

Davide Prospero. Antes de mais nada, agradeço as muitas contribuições que vocês enviaram, porque é o sinal de que existe uma certa sensibilidade entre nós e penso que este é um fator muito importante. Lembro-me – todos nos lembramos – do célebre encontro em Roma, no Domingo de Ramos de 1975, quando Giussani, na sacristia, ouviu Paulo VI dizer-lhe: “Coragem. Vai na estrada certa” (*Luigi Giussani. A sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 530). Naquele instante, pensou que o então arcebispo Montini tinha lhe dito algo parecido no final dos anos cinquenta, diante do resultado positivo da Missão cidadã em que Giussani tinha envolvido todos os Colegiais: “Não entendo as suas ideias e os seus métodos, mas vejo os frutos e digo-lhe: continue assim” (Ibidem, p. 227). Aquele “continue assim” marcou todo o nosso caminho; quantas vezes Dom Giussani nos repetiu isso!

Creio que hoje estamos diante de uma coisa que tem o mesmo alcance, porque essa carta é uma confirmação e um relançamento, exatamente como aquelas palavras. E ninguém sonhava então em começar a vociferar sobre o “não entendo os métodos”, porque a atenção foi toda para o “vejo os frutos... continue assim”.

É importante que todas as perguntas que temos sejam perguntas verdadeiras, justamente para avançarmos e nos ajudarmos a compreender cada passagem do texto. Aliás, Giussani também levou a sério aquele “não entendo os métodos”.

Agora, para responder à sua pergunta, no último dia 15 de janeiro, Dom Filippo e eu contamos ao Papa o caminho percorrido pela Fraternidade e pelos *Memores Domini* no período que se seguiu à audiência na Praça de São Pedro de 15 de outubro de 2022, a forma como tínhamos retomado o seu discurso e os passos que tínhamos dado. Devo dizer que fiquei positivamente surpreendido por encontrar o Papa muito consciente e informado – muito mais do que eu imaginava – sobre o caminho que estamos fazendo e os conteúdos que propusemos, por exemplo, na Jornada de Outubro. Um sinal

de que nos acompanha de muito perto. Isso me dá um sentimento de enorme gratidão, precisamente por causa da desproporção que sinto: ele é o chefe supremo de toda a Igreja e nós somos um grão de areia; no entanto, ele tem esse olhar, essa amizade para com o Movimento. Foi esta mesma a percepção que tive.

As palavras da carta refletem, de fato, o conteúdo do diálogo que tivemos com ele. Portanto, confiem na carta e não nos artigos que saíram nos blogues...

Cassese. Em primeiro lugar, acho que na carta há palavras de encorajamento e de conforto para os passos que estamos dando. Como você disse, isso nos enche de gratidão e nos deixa mais seguros do caminho que estamos fazendo. Do mesmo modo, sentimos que a nossa responsabilidade é fortemente chamada. Chego assim à primeira pergunta que nos fizemos para este encontro: como essa carta interpela a nossa vida?

Prospéri. As palavras do Papa são fortes e densas, cheias de significado para o tempo que estamos vivendo. Espero, por isso, que sejam lidas por todos com atenção, não nos limitando a ter delas uma ideia geral, ou seja, espero que sejam compreendidas em suas várias ênfases e em suas várias passagens, e depois acolhidas com abertura de coração, para nos identificarmos com o olhar que ele tem sobre a experiência de fé de cada um de nós e das nossas comunidades. É, seguramente, um documento muito importante, como de resto também o referiram outras realidades eclesiais. Quisemos publicar no site de CL a carta que me foi enviada por Margaret Karram, presidente dos Focolares, que considerou as palavras do Papa interessantes e úteis também para si.

Para mim, o primeiro sentimento foi, naturalmente, de profunda gratidão pela vontade do Santo Padre de nos acompanhar tão de perto. Não tinha por que fazê-lo; pelo menos para mim, nada o obrigava a este gesto! Apesar de serem os setenta anos do Movimento e de haver o aniversário de Giussani (como todos os anos), uma carta tão atenta e cheia de ternura, e ao mesmo tempo cheia de profunda estima pelos nossos esforços, é verdadeiramente um grande dom. Nela, há um sinal claro de confirmação e de apoio, diria até de amizade. É um sinal que nos dá coragem, porque nós – que por vezes temos o passo incerto – humildemente nos pomos de novo a caminho, sabendo que estamos na direção certa. Talvez esta seja a coisa mais importante, mais decisiva do que qualquer outro aprofundamento legítimo e necessário que tenhamos de fazer. O caminho é o certo. Isto nos relança na nossa responsabilidade de uma forma radical, eu diria. Conscientes dos nossos limites, da pequenez a que muitas vezes nos reduzimos, este relançamento da responsabilidade abre de novo o nosso coração e não pode deixar de nos fazer querer converter-nos ainda mais, sempre, a cada momento, como sempre dissemos e como Giussani sempre nos disse desde o início.

É aqui que entra, para mim, o tema da unidade, que está no centro da carta. De fato, o caminho é justamente o da unidade, da comunhão, em primeiro lugar com o Papa e a Igreja, e depois com os que a Igreja reconhece como responsáveis do Movimento.

Se é verdade que a unidade nasce de um dom, é igualmente verdade que um dom sem uma adesão, sem um impulso de seguimento autêntico, é um dom desperdiçado. Para nós mesmos e, em última análise, para todos.

Por isso, essa carta não só não deve ser subestimada, como é muito importante nos comprometermos – nós em primeiro lugar, e depois ajudemos todos a fazê-lo – a compreender bem qual é a mensagem, a provocação positiva que o Papa nos lança na confirmação da sua proximidade e de que estamos no bom caminho.

Cassese. O potencial do nosso carisma, disse-nos o Papa em 15 de outubro de 2022, ainda deve ser em grande parte descoberto. A certa altura, na carta, ele te incentiva a “continuar o trabalho realizado que visa a preservar uma visão integral do carisma”. O que significa “preservar uma visão integral do carisma”? De que precisamos para não cair numa visão parcial – o Papa escreve “unilateral” – do carisma? Como manter uma atitude de vigilância a este respeito?

Prosperi. É este mesmo o caminho que estamos tentando seguir nestes meses: primeiramente, reavivar o que nos foi proposto por Giussani, olhar para a memória do fundador (pensemos na retomada do PerCurso na Escola de Comunidade e na Jornada de Outubro), em comparação com os desafios do contexto atual. Como disse no início, o Papa estava ciente da proposta e do conteúdo da Jornada de Outubro; e foi referindo-se especialmente a isso que enfatizou que estamos no bom caminho.

Da mesma maneira, a proposta educativa vem ressaltando a importância da presença em suas dimensões fundamentais de cultura, caridade e missão (vocês devem lembrar-se que, na audiência de 15 de outubro de 2022, o Papa também falou disso, referindo-se à nossa “extraordinária história de caridade, cultura e missão”). Até uma retoma do desenvolvimento da presença no reconhecimento do valor das obras e da ajuda recíproca na tentativa de um juízo comum a respeito dos desafios que afetam a sociedade civil; isto é verdade sobretudo para os adultos, mas também é válido para nossos jovens, para as realidades educativas (CLU, Colegiais). De resto, o tema da unidade abarca todas as dimensões e idades da vida.

Este trabalho, como nos disse o Papa em 15 de outubro, implica uma atitude do coração: “O homem humilde, a mulher humilde, também se interessa pelo futuro, e não só pelo passado, porque sabe olhar para frente, sabe contemplar os rebentos com a memória repleta de gratidão. O humilde gera, convida e impele para o que não se conhece; ao passo que o soberbo repete, enrijece-se [...] recua e fecha-se na sua repetição, sente-se seguro daquilo que conhece e teme, teme sempre o novo porque não consegue controlá-lo, sente-se desestabilizado... por quê? Porque perdeu a memória” (“Arda no vosso coração esta santa inquietação profética e missionária”, *Passos*, n. 252, nov. 2022, pp. 29-30).

A visão integral do carisma – a descoberta da totalidade do carisma – é a meta constante do nosso caminho: nunca podemos dizer: “Já o temos na mão, o possuímos”. O importante é caminhar na direção certa. A visão integral não é um objetivo alcançado, mas aquilo para que caminhamos. Foi-nos dada no início como um caminho para seguir, não como uma definição para aprender e repetir. Gostaria de destacar aqui que me impressionou o fato de que, em vez de querer explicar o que é a visão integral (enumerando os fatores para ter em conta ou eliminar), o Papa nos diz qual é o método para fazê-lo: seguir. Este é o sentido fundamental da segunda parte da carta. O método é seguir a estrada mestra, e a estrada mestra é indicada de forma objetiva por quem guia.

Aliás, faz parte da integridade do carisma a consciência da eclesialidade. Neste sentido, cada um de nós pode verificar qual foi a sua reação perante esta carta: uma gratidão, um “quero entender o que está escrito, sobre o que não entendo vou perguntar”; ou uma queixa, do tipo “o que mais ele tem para dizer? Por que volta sempre às mesmas coisas?” O carisma nos interessa no interior do olhar integral da Igreja. Sem isso, não entenderíamos sequer Dom Giussani.

Cassese. Sobre o convite para evitar o unilateralismo, algumas contribuições referem a necessidade de esclarecer melhor o significado das palavras que o Papa nos disse na audiência de 15 de outubro na Praça de São Pedro: o que significa pluriformidade na unidade? Como é que a pluriformidade ajuda a unidade? Sabemos que está sempre à espreita o risco de utilizar o tema da pluriformidade para afirmarmos nossa medida ou sensibilidade, para nos defendermos do seguir. Pode aprofundar esta questão, de uma forma positiva?

Prosperi. Faço uma pequena premissa. A questão aqui é saber como a pluriformidade ajuda a unidade; não como a unidade não inibe a pluriformidade! Há uma ordem de prioridades, e precisamos entender o que isso significa.

Como lemos no livrinho de Assis de dezembro, a comunhão entre nós não é apenas a muleta que sustenta nossa experiência de fé individual. Pelo contrário, é da nossa comunhão que extraímos a clareza de olhar, o horizonte amplo e total que Cristo introduz na nossa experiência humana.

Não se trata apenas da forma como vemos as coisas. Tem também aspectos muito práticos. Lembrome de que nas primeiras vezes que participei dos encontros de responsáveis, em volta de Dom Giussani havia personalidades de grande profundidade e com temperamentos muito fortes, todos

diferentes uns dos outros: o Piccinini, o Vittadini, o Cesana, o Giorgio Pontiggia, o Negri, o Baroncini, o Pino, etc. Às vezes brigavam (ainda hoje acontece, com os que ainda estão lá!). Mas percebíamos que aquele homem gostava de manter unida essa diversidade. O que compunha a unidade não era o fato de estarmos todos alinhados na repetição do mesmo refrão; e se alguém dissesse alguma coisa fora da linha, não era fuzilado. Não é isso o que compõe a unidade!

A comunhão existe no seio de uma diversidade que, porém (porém!), tende para o mesmo objetivo, seguindo o mesmo caminho, pelo que o outro se torna indispensável para você, torna-se importante, fundamental, você descobre que foi dado por Deus porque sem ele, que é tão diferente, você não chegaria à totalidade que seu coração deseja. Caso contrário, não teria realmente necessidade dele; talvez precisasse dele do ponto de vista da sua tranquilidade psicológica, para se sentir confirmado, mas não precisaria dele para si, para crescer, para se tornar maior e, portanto, mais seguro da presença de Cristo. Porque, como diz Giussani, através de todos os mestres que nos são dados, no fim, neste caminho, descobrimos que o verdadeiro Mestre é um só.

Volto a este assunto mais tarde, mas antecipo aqui um ponto fundamental: quando dizemos que é preciso reconhecer o Mestre, o que temos de reconhecer é que o Mestre é um só.

Poderíamos perguntar-nos: sem Dom Giussani, aquele amálgama de personalidades tão diferentes teria conseguido manter-se unido? Falo pelo que pude experimentar: certamente não, por duas razões que nos dizem respeito também a nós hoje e não só a quem viveu em contato com a personalidade de Dom Giussani.

A primeira razão é que não fomos nós que decidimos estar ali. Viramos amigos estando ali; provavelmente, nem sequer teríamos nos conhecido se não tivéssemos sido chamados, convocados por alguém. Por que o Piccinini conheceu o Cesana? Por que viraram amigos? Porque foram escolhidos por outro (Dom Giussani, neste caso) e chamados a estar juntos. Por que eu havia de conhecer o Piccinini, o Cesana, o Giorgio, o próprio Giussani? E por que havíamos virar amigos? Porque todos nós fomos escolhidos por Outro e chamados a estar juntos. A consciência de si (para além do que se possa pensar das nossas qualidades e dos nossos limites) está na resposta a esse chamado. Isso nos reúne com o outro que é chamado conosco. E fundamenta nossa unidade, que é maior do que nossas ideias e nossas interpretações do carisma.

Mas há uma segunda razão, que (tal como a primeira, em seu significado) também se aplica agora que Giussani já não está aqui. A segunda razão é que existe (existia e continua a existir) uma autoridade. E esta, dizia eu, era válida ontem, é válida hoje e sempre. É o reconhecimento de alguém que é dado e que facilita nosso caminho, pelo que é conveniente seguir. Essa autoridade nos leva a seguir o que ela segue. O ponto de verificação não é o quanto somos amigos, ou o quanto estamos apegados à autoridade enquanto pessoa, mas o quanto aprendemos a conhecer e a amar o que a autoridade segue, como nos recordou Ratzinger no funeral de Dom Giussani: “Tornou-se realmente pai de muitos [...], tendo guiado as pessoas, não para si, mas para Cristo” (A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, op. cit., p. 1219).

A tarefa da autoridade é assegurar as margens e assinalar o caminho. Sem isto, não há caminho. Nesse caminho, há quem vá mais à frente, há quem fique para trás, e é preciso esperar por eles. E se alguém vai mais à frente e puxa mais, então a autoridade deve apontá-lo, deve ajudar todos a reconhecer que o Mistério está se comunicando de modo mais significativo, para o momento histórico em que estamos, para o juízo em relação ao mundo, à Igreja e à nossa realidade, através de certas pessoas, de certas presenças, que todos nós devemos seguir. É a forma como o Mistério nos faz dar passos.

Então, somos ajudados a entender as razões e, portanto, temos mais facilidade em seguir. É isso que a autoridade deve fazer: ajudar-nos a ter as razões adequadas para seguir a circunstância a que Deus nos pede obediência. Caso contrário, seguiríamos como mulas que é preciso arrastar à força, se não tivéssemos as razões positivas, se não reconhecêssemos a conveniência do seguir; mas não seria um seguimento verdadeiro.

Só podemos fazer experiência da liberdade e da plenitude na diversidade porque estamos unidos à raiz: esta comunhão se baseia no fato de termos sido escolhidos e reunidos por Outro para uma missão

no mundo. Se perdermos isso de vista, pouco a pouco, até aquele que foi escolhido conosco se tornará um inimigo, porque é um obstáculo à realização do nosso projeto.

Disse Giussani: “A grande ferramenta da mudança do mundo é a unidade eclesial, não a inteligência da consciência individual ou a astúcia da nossa cultura ou o progressismo do nosso espírito” (*Il movimento di Comunione e Liberazione. 1954-1986. Conversazioni con Robi Ronza*, Milão: Bur, 2014, p. 87, nota 2).

Sem a referência constante ao fato de estarmos juntos num caminho guiado, a afirmação da pluriformidade torna-se um alibi para fazermos nossas próprias coisas e arrastarmos os outros para as nossas incursões intelectuais, por mais fascinantes que possam parecer. Não pode haver “várias almas” no nosso movimento (o que seria uma forma elegante de dizer “várias correntes”), porque somos uma só alma. Essa história de “várias almas” é o que há de mais abstrato em relação ao que estamos dizendo; se assim fosse, ao convidar alguém para nos seguir, estaríamos afastando-o da alma dos outros, especialmente dos que são indicados como guias. Este é, precisamente, o princípio do personalismo.

Cassese. O Papa nos recomenda que “os membros cuidem da unidade entre vós”. Isso nos lembra o que a Jone nos escreveu: “Durante todo este tempo, o Carras viveu com uma preocupação e um desejo último pela unidade do Movimento” (“Uma doce companhia”, Carta de Jone Echarri, 16 de janeiro de 2024, *clonline.org*). Também o livro sobre Andrea Aziani está cheio de recomendações de Dom Giussani a Andrea sobre o tema da unidade e de Andrea aos seus amigos, primeiro em Siena e depois no Peru. Agora há pouco você mencionou que a unidade é um dom, mas é preciso uma iniciativa da nossa parte para aceitá-lo. São muitas as perguntas sobre este tema. Como é que cuidamos dela, se não é algo que fazemos, mas que descobrimos entre nós? Se a unidade é um dom, que iniciativa nos é pedida? Que significa cuidar da unidade entre nós?

Prosperi. Em primeiro lugar, precisamos entender por que razão é tão importante falar deste tema. A propósito disso, o Papa nos disse que a unidade entre nós é que é a verdadeira guardiã da fecundidade do carisma: “Ela somente, de fato, no seguimento aos pastores da Igreja, poderá ser ao longo do tempo guardiã da fecundidade do carisma”. Guardiã da fecundidade, “ela somente”! Quer dizer que não é tanto o fato de ter a interpretação mais correta o que garantirá a fecundidade do carisma, e sim a unidade. Pode parecer paradoxal, porque é uma coisa que, em todo caso – sabemos bem – não depende de nós. Então, o que tem a ver conosco? Não sei se nos damos conta não só da importância, mas da beleza dessa afirmação, que, aliás, Giussani, talvez por outras palavras, sempre enfatizou. Digo “beleza” porque a unidade, o tender para a unidade, é sempre possível, é sempre acessível, mesmo na pior situação em que sentimos a ameaça da divisão, se não mesmo a dor das divisões em curso. Pretendo dizer que essa frase do Papa nos liberta da esterilidade de certas tomadas de posição, de certos confrontos dialéticos.

Ouçam o que Dom Giussani disse nos Exercícios de verão dos *Memores Domini* de 1991, em Corvara: “Cristo nunca chama uma pessoa sozinha. Chama-a sempre dentro de um contexto. Se ela não reconhece esse contexto, impõe-se aos outros [...]. Resumindo: o amor à unidade é a coisa maior e mais difícil; é o maior milagre de uma personalidade nova. Sem esse amor à unidade, não há milagre. [...] A unidade, o abraço da unidade é a característica primeira, o sintoma fundamental do milagre de que Cristo entrou em mim. [Pelo contrário] O primeiro sinal de que Cristo está [apenas] formalmente em mim e objetivamente eu imponho a mim mesmo é a renúncia à unidade, [...] é a não obediência e o não seguimento [...]. Eu sigo Paulo, eu sigo Apolo, eu sigo Cefas, eu sigo o padre Fulano, eu sigo o padre Beltrano. Não. Sigo Cristo, ainda que na origem Cristo se tenha servido de Paulo, Cefas, Apolo. [...] O milagre supremo é a unidade que eu reconheço, aceito, sofro e amo com aqueles que ele pôs perto de mim” (“Passiamo all'altra riva”, Exercícios de verão da Associação *Memores Domini*, Corvara, 27 de julho - 1 de agosto de 1991, *pro manuscripto*, pp. 63-64).

A indicação do Papa é muito precisa: o que favorece a continuidade do carisma não é a interpretação mais correta, a dialética que se possa estabelecer entre nós a respeito dos contornos do carisma, mas

a unidade. Insisto nisto justamente porque várias vezes recebi, direta ou indiretamente, perguntas ou queixas sobre o fato de continuarmos falando de unidade. Talvez porque ainda não entendemos de verdade o que está em jogo.

Ouçam ainda o que Dom Giussani disse no livro-entrevista a Robi Ronza, fazendo um juízo sobre uma das passagens mais dramáticas da nossa história (e não só da nossa), o 68, quando as divisões ficaram evidentes: “O que primeiro minou esta experiência, depois de vários anos desde que tinha começado, foi a reafirmação de um conceito de Igreja em que sobretudo as categorias de unidade e de autoridade eram entendidas de um modo, a meu ver, lábil e genérico, em todo caso diferente do tradicional entre nós. [...] Para mim e para outros, a realidade que salva o homem e o mundo é Cristo e a Igreja, cuja expressão e cujo sinal supremo na história são a unidade dos fiéis (entre si e com a autoridade). Por isso, acima de tudo, e em qualquer caso – dissemos – devemos salvar esta unidade com a autoridade e entre nós” (*Il movimento di Comunione e Liberazione. 1954-1986...*, op. cit., pp. 63, 62).

Esta ênfase na unidade não é verdadeira só porque está no Evangelho ou porque Giussani fala dela. É verdadeira, sobretudo, existencialmente, pois o tempo todo fazemos experiência dela! Cada um de nós pode comprová-lo, pensando na sua vida e na vida dos demais. Pensemos nas nossas famílias, para ficarmos no concreto: é evidente que, quando não há unidade, a pessoa se sente mal e até as dificuldades mais triviais viram montanhas intransponíveis. Porque, desculpem, se estamos numa família onde há divisão, e há quem dê mais razão à mãe e quem dê mais razão ao pai, e todos estão divididos, isso nos dá segurança? Tranquiliza-nos? Deixa-nos mais felizes por viver? Abre-nos mais para a esperança no futuro? Não, deixa-nos mais intimidados, inseguros, sofredores: paralisa-nos! Crescemos mais confusos! Só a partir da experiência de uma unidade vivida é que nasce uma humanidade certa.

Como mencionei, a unidade é um dom que exige iniciativa por parte de quem o recebe, ou seja, o “cuidado” de que fala o Papa. Limitar-se a dizer que é um dom, sem implicar nossa liberdade, sem exigir nossa iniciativa, é apoiar, de fato, um desinteresse. E assim o dom é desperdiçado, não dá fruto. Giussani, precisamente a propósito do “cuidado da unidade”, é muito claro a esse respeito: “A imagem de uma potência que arrasta automaticamente o homem sem a sua iniciativa de liberdade é contra a ideia do Deus cristão: de fato, nenhum gesto realizado por outros pode substituir o nosso gesto livre” (*Em busca do rosto do homem*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 1996, p. 143).

Que iniciativa é exigida? Seguir. Voltaremos a este assunto mais tarde, mas quero antecipar uma coisa.

O que o tema da unidade tem a ver com a advertência contra o personalismo? É este mesmo o ponto. O personalismo nasce de nos considerarmos a última palavra, de nos considerarmos indispensáveis para que as pessoas que nos seguem possam continuar crescendo na fé e na afeição a Cristo. E assim consideramos mais importante que sigam tal pessoa do que estar em comunhão com o corpo da companhia, com aquilo a que Giussani chama uma “companhia guiada ao destino”. Estamos enganando a quem nos segue se lhe incutirmos essa suspeita. Diz Giussani: “O amor à unidade, também visível e sensível, é o critério para ver se se ama o Ideal mais do que uma própria visão dele, mais do que a própria situação dentro da comunidade, mais do que a si mesmo. A pessoa, pela unidade, deve aceitar até mesmo morrer” (*O caminho para a verdade é uma experiência*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2006, p. 65). Li estas palavras para lhes dar uma ideia da profundidade que o “cuidado” da nossa unidade tinha para ele.

Cassese. Em que consistem os chamados de atenção que nos são feitos? Por que o Papa escreve que “é preciso ir além de interpretações personalistas, infelizmente ainda presentes”? Por que ele insiste em coisas que já disse?

Nas contribuições, lê-se: “Diante dessa carta, bem como das intervenções anteriores do Dicastério ou as suas, vejo muita gente que não entende a que se refere ou que não quer enfrentar a questão de frente. Talvez esta seja uma oportunidade para esclarecer esses apelos que nos são feitos há alguns anos. Não é tanto uma questão de nomear alguém específico, espero que todos se sintam interpelados

por essas palavras, porque dizem respeito a todos, sem excluir ninguém. Mas vale a pena dizer-nos de novo, talvez de forma mais explícita, quais os erros que cometemos nos últimos anos e que ainda estão presentes entre nós. Onde é que vimos isso?”

Todos nos lembramos da questão da doutrina da sucessão, referida na carta do Dicastério de junho de 2022. Depois, houve o convite a ir além da redução da experiência apenas a fatores subjetivos. Sobre este ponto, acho que na Jornada de Outubro demos passos de clareza. Por que o Papa insiste agora numa coisa que já disse? Alguém pergunta: “Como podemos nos ajudar uns aos outros para que isto não aconteça a todos, o que pode garantir que não se caia neste erro?”

Prosperi. Podemos sempre cair em erros, o problema é voltar a nos levantar, como bem sabemos. Digo como entendi esse apelo. Graças à paternidade com que o Papa está nos acompanhando, podemos encarar esses chamados de atenção não só sem medo, mas também, diria eu, com o desejo de entendê-los cada vez melhor. É verdade, não é a primeira vez que essas coisas nos são ditas.

No entanto, a preocupação sobre o risco do personalismo (que concerne aos chefes, chefinhos, etc.) era uma preocupação fundamental, primeiramente, de Dom Giussani, não é com certeza um problema que o Papa tenha imaginado.

Tentemos considerar esses apelos pelo que são, no seio do reconhecimento de que o caminho é bom e da indicação de que a tarefa é cuidar da unidade. Neste contexto, o Papa diz que os mal-entendidos persistem. Ora, acrescento, esses mal-entendidos são por vezes apoiados por pessoas que têm ou tiveram uma responsabilidade mais ou menos formal na nossa companhia. Digo isto porque espero provocar em todos uma responsabilidade renovada na construção da obra comum.

Quantas vezes ouço como objeção: “Mas nestes anos eu fiz uma experiência, cresci” – claro! Ninguém põe isso em discussão –, “onde é que estariam esses mal-entendidos? Então fiz mal em seguir?” Aqui estamos falando do presente, do agora.

Por isso, vou tentar identificar os pontos que vejo em ação e a partir dos quais surgem esses chamados de atenção.

Um primeiro ponto tem a ver com a afirmação de que “a unidade não é a coisa mais importante”. Não devemos esconder o fato de que há, entre nós, quem nos últimos tempos tenha continuado, e continue, defendendo que a unidade não é a coisa mais importante, porque – dizem – “há algo que vem antes, há algo mais importante”. É um refrão que já ouvimos muitas vezes. E não podemos achar que a nossa gente de boa-fé, que fica ouvindo essa afirmação, quando lê a carta do Papa não sinta uma dissonância, se tiver estima por quem lhe inculca estas ideias. É justamente aqui que está em causa a nossa responsabilidade, dos que têm uma responsabilidade no Movimento.

Se a unidade não for amada, não se realiza, não se torna história, critério da nossa vida e do nosso testemunho no mundo. Portanto, se esse “algo que vem antes” – fundamental, porque sem Cristo não há unidade – não se realiza como unidade entre nós, se não se torna em nós seguimento responsável de um ponto último, continua a ser algo abstrato.

Um segundo ponto diz respeito à relação entre autoridade e autoridade moral (que implica a questão do mestre). O Papa nos recorda que é preciso seguir a quem guia. Pode parecer uma coisa óbvia. Mas na experiência diária – não me refiro apenas à condução última – quantas vezes corremos o risco de reduzir tudo a dizer: “Sou eu que reconheço quem é uma autoridade para minha vida”. Não que isto esteja errado. Não há nada de errado com uma afirmação desse tipo; era o que me faltava, eu não poder reconhecer quem é autoridade para mim! O problema não está aí, mas surge quando tudo se reduz a isso e começa a ressoar outro refrão que, pelo contrário, tem implicações importantes no que concerne ao caminho de reflexão que a Igreja está fazendo sobre a natureza e o governo dos movimentos eclesiais. Poderíamos resumir assim a conceção que foi corrigida: “A condução numa realidade carismática é o mestre, e cada um reconhece o seu mestre”. São coisas que continuam sendo ditas: “Por que o Papa precisa dizer que é preciso seguir a quem guia, quando eu reconheço quem é

autoridade para minha vida, onde o carisma vibra mais?”, ou coisas parecidas. É disto que o Papa está falando. São tudo, menos invenções, porque são coisas que, pelo menos a mim, mas sei que também a muitos outros, aconteceu de ouvir.

Esta forma de pensar apresenta o tema da autoridade moral em contraste com a autoridade, acabando por eliminar a diferença entre um e outro, que também pertence ao ensinamento de Dom Giussani, e contornando a *objetividade* da relação com a autoridade, do método do seguimento. Ofereço-lhes duas citações de Giussani, muito claras a este respeito.

Perguntaram a Dom Giussani: “Qual é a relação entre a autoridade do carisma e a autoridade moral pessoal?”

Resposta: “A autoridade no carisma, para ser muito simples, é aquela que a Igreja reconhece. A Igreja reconhece a responsabilidade de um carisma. A autoridade moral pessoal é dada pela participação que uma pessoa tem na autoridade estabelecida” (*Um acontecimento na vida do homem*, Lisboa: Paulus, 2020, p. 291).

Quem vive a participação com quem tem autoridade ajuda todo mundo a seguir cordialmente a autoridade. Giussani fala de participação: você deve ser o primeiro a seguir, porque se segues, então se torna autoridade. Não basta dizer: “É preciso seguir”, porque é preciso estar envolvido, participar naquilo que convida a seguir. Que pode ser, aliás, deve ser um participar de forma adulta, portanto também – sempre que necessário – dialético, mas sempre dentro de um seguimento. Não basta dizer: “Reconheço que há um responsável indicado”, e depois não sermos nós os primeiros a seguir. O que quem está me seguindo vai ver, além do apelo verbal ao seguimento? Giussani observa: “Se você se reduz a uma obediência passiva, não é verdadeira obediência. É preciso que a obediência implique a adesão de toda a pessoa, com todas as próprias capacidades de vida” (*O caminho para a verdade é uma experiência*, op. cit., p. 199).

Cassese. Você introduziu o tema da obediência. Na parte conclusiva da carta, o Santo Padre escreveu: “Neste período tão decisivo para vossa história depois da morte do fundador, faço a todos os membros do Movimento um convite a seguirem o caminho empreendido, sob a condução da Igreja, e a colaborarem com disponibilidade e lealdade com quem é chamado a guiar o Movimento. Apenas essa obediência, continuamente redescoberta e alimentada, poderá garantir entre vós uma experiência cada vez mais rica de vida cristã e a renovação da vossa presença no mundo, para o bem de toda a Igreja”. Pode nos ajudar a nos concentrarmos no nexa entre manter a unidade e a obediência? Por que seguir é razoável e não é uma alienação? Por que não é uma limitação que sufoca nossa liberdade?

Proserpi. Acabamos de ouvir que para Giussani a obediência é uma identificação com as razões dadas por outro. Parece-me evidente que isto não significa impor uma linha. O confronto e o diálogo são sempre entre pessoas que lançam mão da liberdade. Se a liberdade vincula, e isso aconteceu, senão não estaríamos aqui, então não podemos deixar de querer identificar-nos com aqueles a quem nos é pedido seguir. É uma identificação que chega a este ponto – são palavras de Dom Giussani à Fraternidade –: “É esta mesma a grande regra: ‘Ser obediente até a morte’, a morte do nosso modo de pensar, de sentir; o contrário de ‘o que me dá na telha’, grande regra do mundo” (*La verità nasce dalla carne*, Milão: Bur, 2019, p. 129).

E em outra ocasião, também nos Exercícios da Fraternidade, acrescentou: “É por isso que a referência à obediência assinala um dos pontos capitais para a adesão à nossa companhia. Não é necessário, para sermos homens cristãos e sermos salvos, ser da nossa companhia; mas é necessário ter algumas coisas, para sermos da nossa companhia. A mais fundamental, para uma mudança de coração no sentido que mencionei esta manhã, é a obediência, a obediência ao fluxo comum, guiado. Eu digo sempre ao Grupo Adulto que a regra é uma companhia guiada ao destino” (*Una strana compagnia*, Milão: Bur, 2017, pp. 48-49).

Mas o que acontece às vezes? Acontece que dizemos: “Eu obedeço”, mas com isso queremos simplesmente afirmar: “Eu não sou contra”. Identificar-se sem reservas é outra coisa. Tal como me contou a Jone, de quando ela e o Carras vieram para a Itália para fundar o Centro Internacional em

Roma, em obediência a um pedido do Movimento através de Dom Giussani. A Jone me disse que, quando aterrissaram em Roma, disseram um ao outro: “Hoje queimamos as pontes!” Quando é que isso é razoável e não é alienação ou renúncia de nós mesmos? Isso só é possível quando se tem a certeza do caminho. Pelo contrário, se houver uma dúvida de fundo quanto ao caminho, não se consegue! Não se consegue, afetivamente, por mais que a gente se esforce. Pensemos se não é assim mesmo nas pequenas coisas. Pois bem, na minha opinião, esta é a grande questão que nos diz respeito a todos, não apenas agora, mas sempre. É um dos problemas que temos de enfrentar. Identificar-se sem reservas é o que Jesus pede ao jovem rico: “Estás disposto a deixar tudo?”

Sobre isto, já respondemos um pouco na Jornada de Outubro. Agora quero acrescentar um elemento à luz do percurso que fizemos e da carta que o Papa nos escreveu. Identificarmo-nos sem reservas só é razoável se acontecer entre duas margens (como aprendemos desde o início da nossa história): por um lado, o coração, ou seja, a experiência e a verificação pessoal. Por outro lado, simultaneamente – porque é um “*et et*” –, o reconhecimento objetivo da Igreja (a carta do Papa é a expressão desse reconhecimento objetivo).

É por uma correspondência experimentada ao coração que estamos ligados ao acontecimento de Cristo. Não estaríamos aqui se alguma coisa não nos tivesse tocado tão profundamente na nossa humanidade, a ponto de dizermos, como São Pedro, nos momentos em que nossa medida era ultrapassada por uma medida maior: “Nós também não entendemos, mas se te deixarmos, para onde iremos? Só tu tens palavras que explicam a vida”. Apelar ao coração – como sempre dissemos – não significa fazer valer nossa própria medida, mas a experiência que motiva nossa confiança, nossa abertura a seguir.

Giussani, no texto inédito que acabou de ser publicado na íntegra no site *clonline.org*, diz: “A unidade dos crentes é o rosto contingente, até banal, dessa presença divina. E da mesma forma como, naquela época, quem O seguiu se tornou cristão e se transformou, agora é cristão e se transforma, se transforma como homem, quem segue esta unidade, à qual Cristo deu um sinal de objetividade absoluto, que é o bispo de Roma, a cabeça da comunidade de Roma, porque tudo, tudo converge para isso”; e um pouco mais adiante fala do “magistério, que é uma realidade objetiva, infalível, porque a última palavra não está na minha interpretação, a última palavra está fora de mim” (“O cristianismo como acontecimento hoje”, conferência de Luigi Giussani organizada pela Associação Charles Péguy e pelo Centro Cultural São Carlos. Milão, 28 de outubro de 1992, pp. 6, 9, *clonline.org*).

A questão do coração anda de mãos dadas com a objetividade, precisamente porque se trata de um “*et et*”, em que o coração é verdadeiramente valorizado no encontro com o rosto e a palavra de Cristo que nos alcança agora, que nos indica o caminho agora. Muito diferente de sufocar a liberdade!

Sobre isto, cito ainda Giussani: “Quereria pedir-lhes humilde e fraternalmente que fossem fiéis no seguimento do Movimento; em tudo, se possível. Nunca nos arrependemos desta obediência, tanto mais que nas coisas contingentes, ou nas que são mais facilmente discutíveis, onde as opiniões podem mais facilmente divergir; mantermo-nos no seguimento da unidade da companhia faz sempre, mais cedo ou mais tarde, vir à tona a verdade que estava na sua opinião, e que é reconhecida. Seja como for, a insistência em seguir as diretrizes do Movimento, em todos os âmbitos e em todos os níveis, deixa intacto o que enfatizamos ontem – se Deus o deixar intacto! –, deixa intacta a liberdade de vocês” (*La verità nasce della carne*, op. cit., pp. 78-79).

Cassese. Para concluir, chamou-nos a atenção o fato de, na carta, o Papa recomendar a você e a todos os membros que cuidem da unidade e encorajar você e os seus colaboradores. Pois bem, nessas palavras, nós também nos sentimos chamados; nós também sentimos e desejamos exercer esta responsabilidade. Como somos reanimados na nossa responsabilidade?

Prosperi. Está certa observação que você fez: sempre que se refere a mim, acrescenta uma referência a vocês. Quando se é chamado, também se é responsabilizado. É uma responsabilidade – minha, de vocês e de todos os nossos amigos do Movimento – para com toda a Igreja.

Essa pergunta me dá a oportunidade de frisar uma recomendação final nas palavras do Papa e um ponto de consciência que deve amadurecer cada vez mais na nossa experiência. Refiro-me à questão da condução comunal.

O que significa condução comunal? No nosso DNA, a unidade é possível, como dissemos, no seguimento da autoridade, que para nós sempre foi uma condução pessoal: há uma pessoa que guia, seguimos alguém. O que isto tem a ver com a condução comunal? Por outras palavras, que significa que uma condução é pessoal e comunal ao mesmo tempo? Como é que uma não prejudica a outra? Se há uma pessoa que guia, em última instância segue-se alguém. Já o dissemos muitas vezes. A questão é saber se ela é uma expressão de si mesma ou é expressão de uma comunhão. Se olharmos para o caminho que percorremos este ano, todos os passos mais significativos, incluindo o foco nos conteúdos dos Exercícios de Fraternidade, as férias de verão, a Assembleia Internacional de Responsáveis e a Jornada de Outubro, foram fruto do juízo sobre a experiência vivida pela nossa companhia, ou seja, pela nossa comunhão. Porque a própria condução deve refletir a comunhão como ponto para seguir. A expressão da autoridade ou é “dialogada”, ou é autoritária. Isto é verdade desde o início da Igreja: o próprio Jesus inaugurou este método.

A este propósito, permitam-me mais uma citação do recente texto inédito de Giussani: “Mas essa identidade já era visível na época do próprio Cristo. Como Ele não podia ir a todos os lugares, Ele mandava os Seus de dois em dois para as vilas onde Sua presença era requisitada; e eles voltavam entusiasmados, dizendo: “Mestre, nós também realizamos o que tu realizas; nós também fizemos os milagres que tu fazes. As pessoas também nos escutam” (cf. Mc 6,7-13). O mesmo fenômeno que ocorria onde Ele estava ocorria na vila aonde os dois iam. Como é que Cristo estava presente na vila aonde os dois iam? Através daqueles dois que Ele mandara. O método que Cristo utilizou para continuar Sua presença entre nós, o método que usou já era usando enquanto Ele estava vivo. Por meio da presença dos que acreditam n’Ele, Ele está presente, no sentido literal do termo. Por isso, o cristianismo como acontecimento é Deus feito homem e presente na história [...] dentro da unidade dos que creem n’Ele” (“O cristianismo como acontecimento hoje”, op. cit., p. 4, *clonline.org*).

Como posso ter a certeza de que, seguindo esta companhia guiada, estou na verdade? Uma característica da condução comunal – já mencionei – numa realidade eclesial é a de ser reconhecida objetivamente, e não apenas subjetivamente. Há o meu reconhecimento, através da verificação da minha experiência, e há o reconhecimento objetivo da Igreja. Por isso sabemos que o caminho é verdadeiro.

Gostaria de concluir retomando o trecho inicial da carta. Não quis deixar de entrar também nos pormenores dos trechos, respondendo às muitas preocupações justas que surgiram, que são um sinal de que queremos entender, de que queremos estar cada vez mais seguros e alegres no caminho que estamos realizando, até pela tarefa que nos foi confiada. O trecho inicial é o primeiro motivo de gratidão, pelo menos tal como eu o experimentei: “Sou grato ao Senhor pela vitalidade que o Movimento demonstra constantemente em sua obra de evangelização e de caridade para com os homens e as mulheres de hoje”. Ele está nos dizendo que é grato ao Senhor porque o Movimento continua sendo ele mesmo, aliás, é-o cada vez mais; de fato, a obra de evangelização (a missão) e a caridade são expressão das dimensões da experiência cristã tal como Giussani as descreveu (cultura, caridade, missão).

O Papa nos chama à unidade não apenas devido a um problema interno do Movimento, mas como um valor para toda a Igreja, recomendando-nos que tomemos consciência da grande tarefa que temos para toda a Igreja e para o mundo. Isto é uma coisa grande. Só alargando assim o nosso horizonte é que poderemos vencer os personalismos e curar as feridas que às vezes ainda afligem as relações nas nossas comunidades. O ímpeto da missão, do dom de nós mesmos em resposta ao chamado que recebemos, ajuda-nos a nos identificar com o “coração inchado” e transbordante de Dom Giussani quando subiu os degraus do Berchet, dando início à grande aventura da qual fazemos parte e pela qual estamos aqui esta noite.

Espero ter contribuído um pouco para esclarecer o conteúdo e o valor da carta do Papa. Peço-lhes, portanto – aqui somos todos responsáveis, e é a razão por que ousei convocá-los – que a utilizem para ajudar os nossos amigos no passo que todas as nossas comunidades são chamadas a dar.

Cassese. Vamos fazer uma oração.

Glória

Veni Sancte Spiritus